

EDITORIAL

Este número da Revista de Italianística apresenta ensaios que são frutos de comunicações e de discussões realizadas no Simpósio *O lugar da palavra: história, política, sociedade em tradução*, durante o XIX Congresso da ABPI, que aconteceu remotamente, em outubro de 2021.

Como observa André Lefevere, o ato da escrita e o processo tradutório fazem aflorar uma série de fatores que não se restringem ao “valor intrínseco” da obra literária, mas que se relacionam a toda uma rede na qual eles estão inseridos. Por isso, podemos conferir como questões históricas e políticas, a militância e os momentos de maior ou diferente engajamento se tornam aspectos centrais na tradução e nas diferentes leituras do texto na cultura que o acolhe: motivados, por um lado, pelo intuito de perpetuar o já mencionado valor inerente à obra; por outro, pela conjuntura político-social.

Exemplo disso é o fato de que, recentemente, conflitos identitários, de resistência e de autoafirmação, alimentados por movimentos sociais e de opinião, como o *Black lives matter*, têm influenciado também as políticas editoriais em relação às escolhas de quem traduzir e por que traduzir.

Atualmente, assistimos a um recrudescimento de posturas discriminatórias e preconceituosas – racismo, machismo, xenofobia, homofobia e capacitismo – incitadas e fomentadas por regimes políticos e discursos extremistas, ultraconservadores e autoritários, que nos impulsionam, inevitavelmente, a devolver à palavra o seu papel de resistência e luta em todas as suas formas e potencialidades. A tradução, sempre segundo Lefevere, torna-se um caminho para a conjugação de culturas – com base nos conceitos de *planetarity* e *plurivocality* de Gayatri Spivak.

Assim como não é possível dissociar a obra literária do contexto que a produz, também não é possível desconsiderar os contextos nos quais se inserem as traduções, ou seja, a sua chegada a

um outro sistema literário. O simpósio, portanto, convidou os participantes a discutir o papel da literatura – ficcional, memorialística, testemunhal –, enquanto constituinte do próprio processo histórico, e como as relações culturais, sociais, políticas e históricas influenciam as traduções – tanto da Itália em direção ao Brasil, quanto do Brasil em direção à Itália – e a recepção da obra literária nos diferentes ambientes culturais que a acolhem.

Dessa forma, os artigos aqui recolhidos, apresentam importantes considerações, como em **“Gonçalves Dias e o episódio de Sordello da Comédia”**, no qual Jackson Diniz e Margareth de Lourdes Oliveira Nunes discutem a tradução de parte do episódio de Sordello (Purgatório, Canto VI) da *Comédia* dantesca. Os autores comentam a reescritura do poeta maranhense, apontando possíveis motivações de escolhas tradutórias e tentando localizar a época da tradução e perspectivas interessantes sobre a tradução poética.

O presente número apresenta também outra contribuição sobre as traduções da *Comédia*. Fernanda Moro Cechinel e Silvana De Gaspari, no artigo **“As edições das traduções da Commedia dantesca no Brasil do século XX: tradutores e prefaciadores”**, voltam seu olhar para as traduções da obra-prima do poeta fiorentino publicadas no Brasil no decorrer do século passado. O olhar das autoras está centrado, mais precisamente, nos paratextos que acompanham as edições brasileiras (prefácio, posfácio, quarta capa e orelha), destacando a importância que tais elementos constituem no significado de uma obra em seu contexto de chegada.

Em **“Sua vida com Benito traduzida: banalização do fascismo e recepção no Brasil das memórias de Raquel Mussolini”**, Leonardo Rossi Bianconi e Andrea Santurbano dedicam-se à tradução do relato autobiográfico de Raquel Mussolini, *Minha vida com Benito*, publicada aqui em 1948. Por meio de uma análise das representações da figura de Mussolini e das banalizações do fascismo no léxico e na semântica de textos dos primeiros anos pós Segunda Guerra, os autores discutem a relação entre a obra traduzida e as possíveis ligações da comunidade italiana de São Paulo com o fascismo.

Ainda na perspectiva do Simpósio, Tatiara Pinto e Égide Guareschi trazem uma significativa análise sobre a recepção da obra de Simone de Beauvoir na Itália, no artigo **“Uma recepção de Simone de Beauvoir na Itália. Uma tradução e os agenciamentos em ‘Idealismo morale e realismo político’”**. As autoras, baseando-se nos conceitos dos estudos culturais e da crítica feminista, lançam luz sobre a tradução de *Idealismo morale e realismo politico*, publicada na revista italiana *Il Politecnico*, a fim de traçar alguns agenciamentos da recepção da pensadora francesa na cultura italiana que, naquele contexto, passava por um processo de redemocratização.

Fechando a seção de artigos, Adriana Tulio Baggio nos apresenta suas incisivas considerações sobre a **“Recepção, tradição e tradução itálicas do *De mulieribus claris*, de Giovanni Boccaccio”**. A obra boccacciana, escrita entre 1360 e 1370, apresenta uma coletânea de biografias de mulheres, e conheceu grande fortuna desde a época de sua publicação até o século XVI. Considerando a relevância do percurso da obra, a autora do artigo traça um panorama de sua recepção a partir de três aspectos: os estudos em torno das fases redacionais da composição, os

momentos de maior produção e circulação de testemunhos, e as iniciativas de tradução para o italiano, com destaque para a de Donato Albanzani, feita no século XIV, a qual Manzoni foi o responsável pelo resgate no século XIX.

Por fim, para fecharmos o presente número, Annalisa Pontis nos brinda com a resenha do volume *Quo Vadis, italiano 2020? Letteratura, cinema, didattica e fumetti*, organizado por Simona Bartoli Kucher e Fabrizio Iurlano. A coletânea de artigos, publicada em 2022, inspira-se no tema do italiano entre palavras e imagens que o Ministério das Relações Exteriores e da Cooperação Internacional escolheu em 2020 para a XX Semana da Língua Italiana no Mundo, e os artigos tratam da relação entre linguagem e criatividade, entrelaçando as diferentes abordagens teóricas ao contexto internacional.

Com os escritos reunidos nesse número, esperamos contribuir não somente para os estudos de Italianística no Brasil, mas também com aqueles que analisam e debatem a relação da literatura traduzida com o contexto social, político e cultural, no qual ela se insere. Dessa forma, considerando contextos, percursos, traduções e recepção, esperamos que os artigos sejam um ponto de partida para novas reflexões e estudos, bem como para novas traduções de um sistema literário a outro.

Os editores

Aislan Camargo Maciera, Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva e Gesualdo Maffia